

Modernidade restabelece elos entre ciência e arte

B

Ismar Ingber

**Painel de
Marta Niklaus
inaugurado na
Fiocruz retrata
os pontos em
comum nos
dois campos**

ANABELA PAIVA

Primas afastadas pela história, ciência e arte estão voltando a conversar. Do diálogo, surge uma arte preocupada em examinar a natureza e uma ciência humanizada. "Existe um enorme interesse por este tema", garante a gravadora Fayga Ostrower, que já deu palestras para cientistas no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e está escrevendo um livro sobre o assunto. "Entre os cientistas, há uma tentativa de buscar um novo humanismo, e especialmente uma nova relação da ciência com o homem e a natureza", garante a médica Marília Bernardes Marques, uma das pesquisadoras mais destacadas da Fundação Oswaldo Cruz. Esta tendência ganhou um símbolo, com a inauguração ontem, na Biblioteca de Manguinhos, do painel Bolsas de coleta, da artista plástica Marta Niklaus - selecionado entre 82 projetos e premiado com R\$ 30 mil no concurso Arte e Ciência - que se soma ao rico acervo da Fiocruz (leia na página 2).

Para o painel de 24 metros quadrados, Marta criou sete sacos feitos em tela de aço, recheados com elementos representando os mundos animal, mineral e vegetal: conchas, cristais, madeira, ovos, sementes e ossos. "A coleta e classificação que faço no meu trabalho também faz parte do trabalho do cientista, do biólogo. A diferença é a intenção", explica Marta. A última bolsa é recheada de livros e chips de computador, representando o conhecimento. "A cultura é formada pelo homem quando ele organiza e controla a natureza. Faz parte da natureza do homem querer conhecer as coisas da natureza e a natureza das coisas", analisa a artista.

Refletida no trabalho da escultora, a proximidade do pensamento artístico com o científico é o tema de um livro ainda sem título que a gravadora Fayga Ostrower escreve há três anos. "Em certas épocas históricas, o pensamento artístico coincide com o pensamento científico", teoriza Fayga. Discípulo da artista, o físico Luís Alberto de Oliveira, palestrante do recente ciclo Ciência e Arte no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, dá um exemplo: "A introdução da perspectiva no Renascimento criou a idéia de que o espaço pode ser geometrizado, que depois serviu para que Galileu destruísse a cosmologia medieval". O mesmo, lembra Fayga, aconteceu ainda no século 20: "O cubismo tem muito a ver com a física moderna".

Até o Renascimento, ciência e arte eram vizinhas de casas geminadas, conversando por cima do muro, lembra a coordenadora da pós-graduação de Filosofia da Uerj, Vera Porto Carrero. "O grande símbolo desta união é Leonardo da Vinci", observa o pre-



Marta Niklaus diante de seu painel na Biblioteca de Manguinhos: "Esse projeto tem a ver com meu processo de aprender e aceitar a vida como ela é"

sidente da Fiocruz, Carlos Morel. Mas, naquela época, "a ciência não tinha a matematização da natureza, a organização lógica e experimentação que hoje consideramos parte da ciência", explica Vera, que estuda os aspectos filosóficos da ciência. Por muito tempo, os dois ramos caminharam juntos. Para retratar plantas e animais observados na natureza, muitos cientistas, como o brasileiro Barbosa Rodrigues, fizeram trabalhos de grande qualidade artística. "Quando estava em voga o estilo naturalista, os professores de pintura na Idade Média ensinavam anatomia, botânica e história natural para que os pintores fossem fiéis à natureza", diz Vera.

Hoje, artistas contemporâneos voltam a ter a natureza como tema. João Atanásio, coordenador do núcleo de gravura da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, baseia seu trabalho na sua experiência de 20 anos como bibliotecário da Fiocruz. Suas gravuras, que já foram expostas na França e na Espanha, são inspiradas na formas de microorganismos, impressas em pequenos pedaços de papel acondicionados em vidros de culturas de laboratório. "É preciso descobrir a beleza que existe no universo da pesquisa. A coisa mais linda é ver no microscópio uma lâmina com um microorganismo", diz Atanásio, um dos organizadores do concurso da Fiocruz.

A mesma descoberta vai sendo feita pelos cientistas. "A arte está muito presente, por exemplo, nos museus científicos, que são todos interativos. A ciência precisa da arte para se comunicar", conta Vera Carreiro. "No Centro de Pesquisas Nucleares de Ginebra, o prédio é cheio de esculturas que são, na verdade, detectores de raios cósmicos. Quando um raio atinge a terra, elas se acendem", descreve Carlos Morel. A pesquisadora Marília Bernardes recorda um seminário promovido em 1995 pela Universidade Livre de Bruxelas intitulado Einstein encontra Magritte, do qual participavam artistas, cientistas e filósofos como Edgar Morin. "Acho essa visão fundamental para que o cientista possa seguir no caminho de perseguir o bem da humanidade e de todas as formas vivas", filosofa Marília. "É fácil, com a especialização da ciência, perder o contato com o lado humano, a noção de totalidade. A arte pode ajudar a recuperar esta perspectiva", defende Vera, lembrando que no século 19, Nietzsche já se preocupava com desumanização que poderia ser provocada pelo crescente predomínio da ciência. "Nietzsche propunha recuperar a humanidade através da tragédia grega, do dionisíaco", ensina Vera. "Teatro, artes plásticas ou música, a arte pressupõe um exercício de liberdade que, acima de tudo, beneficia a todos", acredita Luís Alberto.

O bolso gigante da colecionadora

"A natureza dotou cada coisa de uma particularidade, ser aquilo que é, e potencializou cada qual para que assim fosse. Pedra é pedra, madeira é madeira, metal é metal, terra é terra. E tendo assim se manifestado, o surpreendente se dá através do olhar atento do homem, que distingue, seleciona, classifica, representa, transforma e reconhece a extravagância da natureza, porque sendo esta a sua natureza, não poderia fazer diferente."

Pintada na parede da sua casa-ateliê numa vila do Catete, a frase da artista plástica Marta Niklaus dá a pista para compreender o seu trabalho. Desde criança, ela começou a coletar coisas - pedras, objetos, conchas, sementes. Em 1994, decidida a organizar a coleção, ela começou a classificar os objetos por cor, textura, forma e tamanho - "uma prática através da qual o ser humano domina a natureza", reflete. Organizados, os objetos começaram a formar caixas e, numa evolução natural, sacos de tela. "Acho que este projeto tem muito a ver com meu processo de aprender a reconhecer e

aceitar a vida como ela é", analisa a carioca de 35 anos.

Bolsas de coleta, o trabalho escolhido por unanimidade pelos artistas plásticos e críticos que formaram a comissão julgadora do prêmio da Fiocruz, é o mais ambicioso da artista, que já expôs suas obras na Inglaterra e Estados Unidos. Para encher os sete sacos feitos em tela de aço, foram necessários cerca de 300 conchas, 100 pedaços de madeira, 70 cristais de rocha, 50 ossos e 300 ovos. O saco dos ovos foi o mais trabalhoso: com paciência de Jó, o pai da artista passou uma noite fazendo minúsculos furos nas cascas, por onde soprava para tirar a gema e a clara. "Enchemos três baldes de ovo. Não quero saber de omelete por um bom tempo", ri Marta.

Depois, foi preciso encher os ovos de parafina, fechar os furos e envernizá-los. O resultado forma um dos componentes mais curiosos do painel que ficará pendurado na parede de 24 metros quadrados da Biblioteca de Manguinhos, na Fiocruz. "Este projeto tem um pouco de Alice no País das Maravilhas. É um gigantesco bolsinho de criança, com pedrinhas, sementes, conchas", compara.